revista Estação Literária
Universidade Estadual de Londrina
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

NATUREZA E GÊNEROS DA TEXTUALIDADE DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA COLONIAL DE VIAGEM DO SÉCULO XVI

Rogério Mendes Coelho (UFRN/UFPE)[1]

Resumo: *Os textos produzidos por navegadores, religiosos e intelectuais espanhóis entre os séculos XVI e XVII a respeito da América propuseram, entre as nuances da historiografia e do discurso ficcional, da imitação e do desvio, as bases interpretativas da América. Desse modo, a literatura hispano-americana colonial abriu uma perspectiva interessante para se refletir a respeito do significado da imaginação e da experiência no século XVI. O que se propõe com o artigo é a análise da função, estrutura e problematização dos desdobramentos de sua recepção e interferência tanto no processo de formação social quanto literária no continente americano.*
Palavras-chave: *literatura hispano-americana colonial; imaginação; alteridade; relatos de viagens.*

Introdução

Ao analisarem-se os diversos escritos sobre o Novo Mundo, constata-se que houve excessos na compreensão do universo americano. Atribui-se ao fato motivo simples: a América diferir da realidade dos homens que a interpretaram, pois, até o século XVI, ignoravam-se outras regiões além de Europa, África e Ásia.

Um dos fatores que contribuíram para que os europeus não imaginassem a existência de outras regiões além da Europa consistiu na crença de se bastarem. Os europeus acreditavam-se superiores e universais. Os habitantes do Velho Mundo acreditavam ser superiores por suas mitologias, ciência e artes. Um pensamento que

[1] Professor assistente 2 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Departamento de Ciências Sociais e Humanas (DSCH), responsável pela disciplina Literatura Hispano-americana, e doutorando em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamentio de Pós-Graduação em Letras (PPGL). E-mail: rogeriomendz@yahoo.com.br.

gerou a incapacidade de lidar com a diferença. Desse modo, ao se depararem com a América, os europeus provocaram relações de desconforto e conflito com os americanos: a ideia de conquista e colonização tomou forma pela prevalência da Razão Ocidental.

Ao tentarem descrever a experiência, os europeus, por meio dos relatos de viagem, causaram transtornos pela imaginação que transformou o espaço americano em (in)convenientes idealizações. Portanto, a ideia primeira da América contida nos relatos de viagem sobre o que poderia vir a ser a Quarta Região do Mundo relacionou-se às arbitrariedades dos europeus em determinar as expectativas do Ocidente. Note-se que nos primeiros contatos os europeus procuraram no Novo Mundo uma natureza social familiar, particular e, ao mesmo tempo, universal. Buscou-se na América espelho ou continuidade do Velho Mundo, já que os europeus tinham a si como parâmetro para experenciar e explicar o mundo. O trecho a seguir, escrito pelo navegador português Gabriel Soares de Sousa no livro *Tratado Descritivo do Brasil de 1587* (2000), exemplifica uma das mais emblemáticas demonstrações sobre a dificuldade em lidar com a diferença.

> [...] três letras do A B C, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque se não têm F, é porque não têm fé nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia de Fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem [...] e se não têm L na sua pronunciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som de sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns aos outros. E se não têm R na sua pronunciação, é porque não têm Rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som de sua vontade (Sousa 2000: 268).

Dessa maneira, não surpreende a dificuldade em descrever o que constituía a América: uma natureza tão distinta quanto inimaginável. Não foi em vão que para tornar lícito o espaço indescritível utilizaram-se de referências que distanciaram o novo continente de sua realidade. Imaginação ou realidade, a ideia do que poderia vir a ser a América apresentou-se confusa porque contribuiu para a efetivação de fantasias. Hoje fica evidente a compreensão das razões das dificuldades dos navegadores em descrever o Novo Mundo em acordo com sua real constituição.

Cabia aos navegadores-escritores tornar legíveis mundos ininteligíveis. Entretanto, não poderiam imaginar os leitores que por trás das interpretações dos navegadores haveria inúmeras dificuldades e interesses: ambições de tornarem-se heróis e ascenderem socialmente, tornarem-se mártires, afamarem-se pelas letras, serem responsáveis por redenções ou uma nova história. Muito do que foi dito sobre o Novo Mundo tratou-se de desvios de realidade que geraram universos. De certa

maneira, o encontro e a inexplicabilidade do Novo Mundo tornaram-se oportunidade, conveniência para viabilizar ambições. Afinal, independente de absurdos e plausibilidades, por mais que restassem dúvidas, quem poderia desmenti-los a respeito do que era contado se institucionalmente eles eram escritores responsáveis pela descrição da verdade? Quem poderia provar o contrário? O curioso é que nessa perspectiva os relatos de viagem deixaram de exercer o caráter documental: o discurso perdia-se em possibilidades que incitavam a criatividade. Pode-se dizer que, dessa maneira, os relatos de viagem tornaram-se uma produção textual que se pautava em fatos que aos poucos se tornaram *ficção,* como ficou constatado em casos como *Naufrágios* (1542), de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca; *Miscelánea Antártica* (1586), de Miguel Cabello Valboa; *La Argentina* (1612), de Ruy Díaz de Gúzmán, para citar alguns dos que utilizavam a ocasião para enaltecerem a imaginação no abuso da credibilidade de suas funções para impressionar príncipes e povos. Os intérpretes do Novo Mundo não estavam preparados para lidar com realidades inimagináveis: – "Naquele hemisfério vi coisas que não estão de acordo com as razões dos filósofos" (Vespúcio 2003: 49) – e na tentativa de descrever o impossível acabou-se por criar outros mundos graças à mente imaginativa dos escritores e outros interesses.

Primeiro, surpreendeu-se e temeu-se o que se viu. Depois, planejou-se tirar proveito do que se experenciou quando, enfim, julgou-se que a dessemelhança poderia ser prenúncio de um malefício. No entanto, até que ponto a dessemelhança seria uma ameaça ou, ao menos, por que o seria? A diferença gerava mistérios, incompreensões e intolerâncias. Era difícil admitir civilização que não se importasse com ouro, desconhecesse os desígnios cristãos e não estivesse preocupada com motivações mercantis. Seja como for, o fato é que a natureza americana distinguiu-se do Ocidente, e esse foi motivo de maior estranheza e equívocos que resultaram comprometimentos no processo de formação social e identitária americana. Não era comum assimilar cultura e homens que

> Não fazem nenhuma troca ou comércio para comprar ou vender, bastando-lhes o que espontaneamente a natureza oferece; ouro, pedras preciosas, joias, que, na Europa consideramos riquezas, em nada estimam, mas desprezam de todo e não se preocupam em possuir. São naturalmente tão generosos para dar que não negam nada que se lhes pede, e, assim como para dar são generosos, assim são avidíssimos para pedir e receber, se mostram amigos de alguém. Nesse caso, dão prova máxima de sua amizade ao oferecer as próprias esposas e filhas aos amigos para que as possuam à vontade, e nisso tanto o pai quanto a mãe se julgam intensamente honrados quando alguém se digna a tomar uma filha, ainda que virgem, para com ela se deitar, por estabelecer-se com isso profunda amizade (Vespúcio 2003: 76).

Mas será que havia motivos suficientes para justificar uma ação repulsiva por

parte dos europeus em relação aos usos e costumes do Novo Mundo? Pois a civilização americana interpretava as leis da natureza. Os americanos vivenciavam a natureza de acordo com suas necessidades e sentiam-se livres. O que não foi compreendido. Como explicar, pela palavra, origem e realidade em meio a tantos interesses? Um exemplo emblemático para mostrar que

> (...) a diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural. A diferença cultural introduz um processo de julgamento e estabelecimento de valores arbitrários que se dão a partir de algumas justificativas que licitam interesses específicos (Bhabha 1998: 228).

A presença dos europeus no Novo Mundo tinha um propósito firme que se baseava em ações de domínio. Haveria, por exemplo, outra maneira de compreender a razão do episódio, narrado por Vespúcio, no exemplo a seguir? Ela é emblemática para analisar a violência nas relações firmadas.

> (...) se não aceitassem nossa amizade, havíamos então de tratá-los como inimigos e tornar eternamente escravos quantos conseguíssemos prender: e então, carregando todos as armas que podíamos, chegamos à praia reunidos. Eles, segundo penso, pelo temor de nossas bombardas, não opuseram a menor resistência a nosso desembarque e, assim que o completamos, agrupados em quatro companhias cada uma com 57 homens comandados por um capitão, travamos longa batalha. Depois de intensa luta e escarniçado combate, mortos muitos nativos, obrigamos todos a fugir e os perseguimos até um povoado, onde fizemos 25 prisioneiros. Incendiamos o povoado e voltamos aos navios com os 25 prisioneiros: do lado deles muitíssimos morreram ou ficaram gravemente feridos, ao passo que dos nossos morreu um só e feriram-se 22, que com a ajuda de Deus já recobraram a saúde (Vespúcio 2003: 90).

No entanto, considerar os povos americanos inferiores e selvagens e submetê-los à escravidão significou cometer injustiças. Acabaram por tornar submissos, subservientes, homens e povos que não ofereciam resistência e apresentaram-se, na maioria das vezes, pacíficos.

> (...) son gentes de amor y sin codicia y convenibles para toda cosa, que certifico a Vuestras Altezas que en el mundo creo que no hay mejor gente ni mejor tierra: ellos aman a sus prójimos como a sí mismos, y tienen una habla la más dulce del mundo y mansa, y siempre con risa. Ellos andan desnudos, hombres y mujeres, como sus madres los parieron. Mas, crean Lustras Altezas que entre sí tienen costumbres muy buenas, y el rey muy maravilloso estado, de una cierta manera tan

> continente que es placer de verlo todo, y la memoria que tienen, y todo quieren ver, preguntan qué es y para qué (Colón 2003: 46).

O processo de "ficcionalização" da América

Apesar do compromisso dos testemunhos com a verdade, muitas das informações disponibilizadas apresentaram desvios e imprecisões que prejudicaram a compreensão dos territórios, o que colocou em xeque a credibilidade dos textos e os aproximou do que muitos compreendem como processo de ficcionalização, já que

> A ficcionalização está sempre presente na experiência histórica, pois a relação episódica de um evento histórico é sempre condicionado pelo 'quando' perspectivístico de sua observação ou reconstrução, como também pelo 'como' de sua apresentação e de sua explicação (...). Esta infiltração do ficcional na história seria, por sua vez, legitimada pela categoria da verossimilhança, que forma a zona comum da poesia com a historiografia (Jauss *apud* Lima 1999: 198-204).

O que seria insuficiente para atestar os relatos como uma atividade literária, porque a relação de verossimilhança percebida fundamentou-se na incapacidade dos navegadores-escritores em lidar com uma natureza radicalmente distinta, e pelos escritores estarem desprovidos de intencionalidade para fazê-lo. O que houve por parte dos navegadores-escritores ao descreverem o continente americano e se excederem na linguagem é o que John Searle (2002) atesta como uma tentativa de ajuste mente-mundo, já que muitas das imagens descritas como realidade no Novo Mundo eram descrições arbitrárias e imaginárias que só fizeram sentido por semelhanças.

> Na imaginação, do mesmo, o agente tem uma série de representações mas a direção do ajuste mente-mundo é rompida pelo fato de os conteúdos representativos não serem conteúdos de crenças, mas conteúdos simplesmente estocados. Fantasias e imaginações têm seus conteúdos e, portanto, é como se tivessem condições de satisfação, do mesmo modo que uma asserção simulada (ou seja, ficcional) tem um conteúdo e logo é como se tivesse condições de verdade, embora em ambos os casos os compromissos com as condições de satisfação sejam deliberadamente suspensos. Não é uma falha de asserção ficcional o seu caráter inverídico e não é uma falha de um estado de imaginação que nada no mundo a ele corresponda (Searle 2002: 25).

Mas houve também estratégias intencionais que comprometeram a idoneidade dos relatos de viagem: o desejo de muitos autores afamarem-se pelas

letras atestando ações gloriosas e descrições fantásticas contribuíram para a inapreensão dos sentidos que se queria atribuir nos relatos. Muitos dos navegadores-escritores estiveram mais preocupados em serem reconhecidos como heróis do que se aterem à descrição de universos que poderiam confiná-los ao ostracismo. O que fez com que a produção textual se pautasse também nos devaneios de seus autores. Também não era simples encontrar linguagem suficiente para descrever cores e formas jamais experenciadas e que, por mais imparciais que pudessem tentar ser os escritores, apresentaria dúvidas quanto a sua representação. Como não demonstrar espanto e entusiasmo com cores e formas surpreendentes?

O caso de Cristóbal Colón: paraíso e mitologia

De fato, é possível observar, além dos distanciamentos, aproximações entre o espírito das cruzadas e algumas das incursões náuticas no século XVI. O que não surpreende, haja vista homens como o explorador Cristóbal Colón possuírem ainda no século XVI valores medievais. Colón, na ocasião do encontro com a América, acreditou ter encontrado o Éden e ambicionou estabelecer a dimensão religiosa Una – Católica. O que não surpreenderia, pois, a orientação religiosa/imaginária do navegador italiano a serviço da Coroa Espanhola, que se relacionava a uma perspectiva milenarista. Propagar a fé e adquirir riquezas a partir do encontro e conquista de territórios pareceu conveniente e ideal para o arrojo e ousadia de homens como Colón, dispostos a conciliar interesses materiais, políticos e espirituais.

> […] Vuestras Altezas, como católicos cristianos y Príncipes amadores de la santa fe cristiana y acrecentadores de ella y enemigos de la secta de Mahoma y de todas idolatrías y herejías, pensaron de enviarme a mí, Cristóbal Colón, a alas dichas partidas de India para ver los (…) pueblos y tierras y la disposición de ellas y de todo y la manera que se pudiera tener para la conversión de ellas a nuestra santa fe; y ordenaron que yo no fuese por tierra al Oriente, por donde se costumbra de andar, salvo por el camino de Occidente, por donde hasta hoy no sabemos por cierta fe que haya pasado nadie (Colón 2003: 2).

Para Janice Teodoro, em "América Barroca" (1992), o navegador, imerso no sentimento místico que orientava a época, sentiu-se, sob a égide do cristianismo, quando pensou ter localizado o Paraíso Terrestre, responsável pela possibilidade de redenção do Ocidente. Mais que um casual encontro, a América significou para Colón o cumprimento de uma profecia; obsessão de que o navegador acreditou ser porta-voz. Tanto que a impressão que se tem ao analisar os textos é que a imagem da Terra Santa suscitada pelo navegador atrelou-se ao interesse de um homem em imortalizar-se como o responsável por encontrar o elo perdido do Ocidente.

López (2006) acrescenta que o sentimento de Colón vinculava-se a uma anterioridade para muitos desconhecida ao recordar os estudos dos escritos bíblicos do navegador ao lado do padre Gaspar Gorricio quando buscava a confirmação do significado de suas viagens como prenúncio místico. "Confirmação" e "prenúncio", inclusive, que o navegador italiano procurou fundamentar no *Libro de las Profecías*[2]. Dessa maneira, Colón acreditou, ao explorar o continente americano, que cumpria o que estava escrito nas sagradas escrituras. Ou seja, acreditou ser o mensageiro de Deus ao pensar ter encontrado o Paraíso na América. Dessa maneira,

> [...] a América mostrou ser um mundo novo no sentido de uma ampliação não previsível da velha casa ou, se se preferir, da inserção nela de uma parcela da realidade universal, considerada até então como de domínio exclusivo de Deus (O'gorman 1992: 198).

A função do *Libro de las Profecías,* além de promulgar a revelação de espaços sagrados e perdidos, teve a intenção de homologá-los ao tentar persuadir os Reis Católicos de que o encontro com a América era, de fato, a confirmação de profecias. Tanto que Colón anexou o *Libro de las Profecías* a outros documentos compromissados com o testemunho da verdade entregues aos Reis após as expedições. Ao fazê-lo, o navegador buscou respaldo necessário para reconhecer a revelação e firmar-se responsável pela boa nova.

Colón era um homem crente em busca de sua verdade e que acreditava estar *apto* para conhecê-la e difundi-la. Tanto que, anexo aos diários de navegação, estava o "Libro de las Profecias" entregue aos Reis Católicos. Colón, desse modo, autoproclamava-se "[...] homem comum e iluminado que, com a ajuda de outros homens iluminados, tinha o dom de antever o amanhã ou a razão resplandecente que se serviria útil ao explicar o passado e dar um sentido final à história humana", como sugere Cordiviola (2005: 70). O que leva a crer que Colón, antes de estar a serviço dos Reis, estava a serviço dos desígnios de Deus, envolvido em outras descobertas. Colón acreditava ser uma espécie de escolhido por Deus para revelar novos rumos para a Humanidade. O navegador genovês acreditava que o fato de ser navegador o vocacionava a intermediar novas relações além-mar. Descobrir a América significou descobrir um plano divino ao reafirmar as previsões de profetas como Isaías: "en efecto, las islas me aguardan y las naves del mar en primer lugar, para que conduzca a tus hijos desde los lejos" (Colón apud López 2006: 51). Como acreditava ser o mediador dos mundos, internalizou as palavras do profeta e acreditou ser digno da incumbência de conduzir *los hijos* às Ilhas, à América. Em Jeremias 31[3], o genovês

[2] Os estudos levados a cabo junto com o Padre Gorricio resultaram na escritura de um caderno de citações proféticas. O livro tentou fornecer, entre diversas referências – salmos, excertos dos Apóstolos, palavras de Santo Agostinho, Jeremias, Isaías, Gênese e Apocalipse –, sugestões e indicações sobre o devir e a salvação no plano terrestre. Salvação que acreditou Colón intermediar ao visualizar semelhanças no Novo Mundo com os indícios a que se referiam as palavras dos profetas.

[3] *Oid, gentes, la palabra del Señor en las islas que están lejos* (Colón *apud* López 2006: 51).

reafirmou a pertinência das profecias e o papel por ele assumido como mediador de uma nova Era. É possível que Colón, ao assumir o compromisso com os Reis de encontrar uma nova rota para as Índias na verdade acreditava estar imbuído em encontrar, sobretudo, as Ilhas anunciadas pelos profetas. Como navegador, conciliar convicções pessoais e missões sociais, talvez tenha sido, de fato, a confirmação necessária para respaldar seus interesses. Então, o que haveria de ilegítimo ou absurdo em suas palavras e interpretações? De acordo com Cordiviola (2005: 68), "a Bíblia preanuncia aquilo que o navegante encontrará no seu percurso, e a geografia de mil maneiras confirma o que fora previsto muito antes, e que, portanto, era indisputável, por obedecer desígnios divinos".

Entretanto, ao projetar o Paraíso Terrestre na América, Colón deixou inscrito em seus diários não o que ele viu no continente americano, mas o que gostaria de ver, de acordo com o repertório de pressentimentos, imaginações e desejos coletivos perpassados de gerações e gerações, entre frustrações e ansiedades, que se fizeram materializáveis em semelhanças até então não experenciadas. E continua:

> O mito, a repetição da repetição, se inscreve como força antecipatória no fluxo linear da história cristã; ensaia eternos retornos que desordenam e desviam os sentidos do tempo, invoca estranhas continuidades que parecem se configurar no além da história e da geografia. Cria uma outra esfera de interpretação, que, apelando à tradição e ao divino, não apenas se contrapõe à banalidade do real, mas também ajuda a redefinir essa mesma noção de real (Cordiviola 2005: 87).

O que se destaca nas palavras do almirante genovês firma-se como oportunidade de reviver e conquistar origens e torná-las tão inquestionáveis quanto profícuas para o desenvolvimento da história do homem. Pois os cristãos há muito buscavam o Paraíso quando ele não se mostrou ao alcance de olhos que pertenciam a corpos e espíritos que, indubitavelmente, se achavam merecedores do consolo de angústias e necessidades, materiais e espirituais, supridas.

> El propio sentido de insatisfacción de la cristiandad del siglo XV halló su expresión en la ansia de volver a una situación más favorable. La vuelta debía ser al perdido paraíso cristiano, o a la Edad de Oro de los antepasados, o a alguna engañosa combinación de ambos (Elliott 2000: 44).

Pois,

> Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais freqüente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler

> como em filigrana em todas as reiterações rituais dos mitos. Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar (Eliade 2004: 22).

Desse modo, a imaginação deu sentido à América. Colón pensou encontrar o Paraíso com base em indícios literários pré-existentes e semelhanças testemunhadas com os olhos da fé. O que para a época foi lícito e legítimo, apesar das palavras de Colón terem sido meras especulações fundamentadas em convicções pessoais e analogias feitas pela ausência de recursos linguísticos para explicar um universo distinto. Em verdade, a América foi uma realidade material que não havia sido experenciada – Literaturas – e que foi confundida com outra realidade – profecias – igualmente nunca vista e experenciada, o Paraíso, o que causou espanto e entusiasmo. Prevaleceu um Dever Ser ao invés de uma nova experiência com a realidade. Uma realidade que se fundamentava como imaginação em duas perspectivas distintas e convergentes: a herança de um imaginário anterior ao descobrimento e a necessidade de reatualizá-lo, o que se tornou possível a partir do "descobrimento". Colón viabilizou as duas perspectivas ao interpretar o espaço americano. Desse modo, mais do que representar a vontade de Deus, é possível que ele tenha representado a infelicidade e a impaciência de homens com a realidade que o cercava quando pensou ter encontrado o "Paraíso".

> Ora, a idéia desse mundo resguardado de toda espécie de calamidade e padecimentos físicos, tanto quanto a outra, que ela se enlaça estreitamente, da longevidade extrema dos seus moradores, tende a entrosar-se, muitas vezes, na inspiração dos velhos motivos edênicos, tais como aparecem principalmente na literatura devota da Idade Média. A simples presença do desconhecido e do mistério poderia, aliás, encaminhar sobre esse rumo as imaginações (Holanda 1996: 283).

Por isso, não seria exagero admitir que, caso a América não existisse àquelas alturas, seria necessário inventá-la.

> La invención del otro como creación, alegoría, leyenda, fábula o simple mentira inscribe, poco a poco, el Nuevo Mundo en el ideal de un deber ser, mítico primero, utópico luego. Esta idealidad de contraponer al ser empírico que la invención americana va ratificando al mismo tiempo en el inventário de la nueva realidad abordada, vocación etnológica 'avant la lettre' de cronistas y padres misioneros que integra y completa el soñar despierto de la utopía (Ainsa 1992: 34).

Uma via possível por meio do milagre da semelhança e que se responsabilizou por conciliar bases do pensamento lógico e mágico. A semelhança que, segundo

Foucault (1987), desempenhou importante papel no século XVI por conduzir a exegese e a interpretação dos homens ao organizar o jogo simbólico das formas. O que faz sentido ao perceber os esforços dos navegadores em tentar descrever os novos mundos. Novos mundos que reavivaram, por meio da linguagem, o que dificilmente poderia conceber-se: o Paraíso Terrestre.

> O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação – fosse ela festa ou saber – se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar (Foucault 1987: 33).

Mais que uma revelação, os escritos de Colón desvelaram-se na tentativa de reavivar o desejo de saldar uma antiga dívida do homem para consigo mesmo após séculos de buscas e insuficiências. A importância da projeção de Colón consistiu em proporcionar, mesmo que por alguns instantes, a oportunidade de os homens redimirem-se perante Deus dos maus procedimentos e os mal-estares causados por eles próprios a si mesmos. O encontro com a América, pelas semelhanças com o Paraíso perdido, poderia significar um sinal divino de consentimento para recomeçar uma nova fase. Por isso, não seriam absurdas as relações que fez Colón, mesmo ele representando anseios de poder e riqueza. De qualquer forma, é nessa aparente combinação entre o divino e o terreal, entre o espiritual e o material, que o sonho tentou acomodar-se no continente recém-descoberto: a oportunidade propícia para a sua materialização.

> O Senhor, teu Deus, te fez entrar numa terra boa, terra de torrentes, de fontes, de águas subterrâneas, jorrando na planície e na montanha, terra de trigo e de cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de óleo de oliva e de mel (Deuteronômio 8, 7).

> [...] porque es cierto que la hermosura de la tierra de estas islas, así de montes e sierras y aguas, como de vegas donde hay ríos cabdales, es tal la vista que ninguna otra tierra que sol escaliente puede ser mejor al parecer ni tan fermosa (Colón 2003: 73).

A impressão que se tem ao examinar os indícios que levaram o genovês a interpretar a América marca "[...] a imaginação como ferramenta útil para dar explicação não somente ao desconhecido, mas também para tentar justificar o que não se queria admitir como evidente" (López 2006: 48): o Novo Mundo apenas como espaço distinto e inimaginável e como se descrição do espaço realizada pelo navegador fosse tão-somente a descrição de outra realidade; uma realidade que ele gostaria de testemunhar, que poderia ou não ser divina, a depender de quem e por

quais razões poderia interpretá-la dessa maneira. O que leva a crer que as realidades podem tornar-se divinas quando se acredita que elas são semelhantes ao que desejamos e acreditamos como tal.

É possível que a ideia do Paraíso, de fato, seja uma espécie de representação, semiologia capaz de tornar legível e legítimo o espaço até então inconcebível, porém conveniente e reconhecível como convicção, esperança e realidade se demonstrado e comprovado. Uma necessidade, uma perspectiva que agradaria tanto os leitores quanto o escritor. Desse modo, a expectativa de muitos leitores somada à convicção do hermeneuta italiano fundiu-se em uma estratégia retórica que articulou ideias preestabelecidas pelo imaginário do Ocidente. Assim, não seria exagero considerar que encontrar o continente americano foi uma oportunidade que materializou o mito, de acordo com devaneios e necessidades, por meio de uma linguagem fundamentada na busca por felicidade e redenção. Sonho que se queria possível enquanto vida os homens tivessem.

Seja como for, não deve ter sido simples para o navegador italiano lidar com outra natureza. Pois a imagem do Paraíso (res)suscitada por Colón relacionou-se à dificuldade de identificar e reconhecer uma realidade distinta, já que, até então, os europeus bastavam-se. Não esperavam eles que não estavam sós e que não passaram de meros componentes integrando um sistema complexo de convivência e realidade. É possível que ao inserir-se a América no patrimônio do imaginário do Ocidente tenha sido uma reação oportuna na tentativa de manter o mundo uno e sob controle. De toda forma, mais um transtorno firmado pela imaginação.

Conclusão

É possível que o que tenha comprometido a idoneidade dos relatos tenha sido o uso de analogias e outras representações para aproximar os leitores da experiência inexplicável. No entanto, as analogias que comprometeram os registros e os escritores foram imprescindíveis na ausência de linguagem para tentar tornar legível a experiência e os mundos. Por mais comprometedores e justificáveis que pudessem parecer, tais recursos utilizados eram uma forma racional e prática de lidar com a instabilidade dos significados da experiência que precisavam, com urgência, ser compreendidos e determinados. O que não comprometeria, de todo, as interpretações dos navegadores.

> O espaço das analogias é, no fundo, um espaço de irradiação. Por todos lados, o homem é por ele envolvido; mas esse mesmo homem, inversamente, transmite as semelhanças que recebe do mundo. Ele é o grande fulcro das proporções – o centro aonde as relações vêm se apoiar e donde são novamente refletidas (Foucault 1987: 39).

Os mal-estares causados pela incompreensão do espaço se apresentavam como texto-mundo composto de transfigurações aproximativas: *Paraísos*; seres semelhantes aos

mitológicos; mulheres e homens nus dispondo de liberdade nunca vista, entre outras descrições apresentadas como realidade. O que houve foi a utilização de uma linguagem incomum para dar conta da necessidade de relatar uma experiência inexplicável e fazer com que os interlocutores acreditassem que o que se escrevia enquadrava-se como veracidade. Uma perspectiva que se relaciona ao propósito da memória histórica que, por princípio mimético, tenta dar conta das representações humanas.

NATURE AND GENRES OF THE TEXTUALITY OF COLONIAL HISPANIC AMERICAN TRAVEL LITERATURE OF THE 16th CENTURY

Abstract: Texts written by Spanish navigators, religious men and intellectuals about America, between the 16th and 17th centuries, proposed, among the nuances of the historiography and the fictional discourse, of imitation and deviation, the interpretative bases of America. Therefore, colonial Hispanic American literature opened an interesting perspective to reflect on the meaning of imagination and experience in the 16th century. What it is proposed in this article is the analysis of the function, structure and questioning of the ramifications of its reception and interference in the process of social and literary formation in America.
Keywords: colonial Hispanic American literature; imagination; alterity; travel reports.

REFERÊNCIAS

AINSA, Fernando. *De la Edad de Oro al El Dorado. Génesis del Discurso Utópico Americano.* México: FCE, 1992.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço.* Tradução: Antonio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura.* Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COLÓN, Cristóbal. *Los Cuatro Viajes del Almirante y su Testamento.* Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/servelet/sirveobras/50362733173581464260046/index.htm. Acessado em: 10 de jun de 2003.

CORDIVIOLA, Alfredo. *Um Mundo Singular. Imaginação, Memória e Conflito na Literatura Hispano-Americana do Século XVI*. Recife: PPGL/UFPE, 2005.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade.* Tradução: Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELLIOTT, Jonh H. *El Viejo Mundo y el Nuevo (1492-1650).* Madrid: Alianza Editorial, 2000.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas.* Uma Arqueologia das Ciências Humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GÂNDAVO, Pero Magalhães. *Tratado da Terra & História do Brasil.* Leonardo Dantas Silva (org). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário. Razão e Imaginação no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LÓPEZ, Juan Ignácio Jurado-Centurión. *A Forja da Identidade Através da Literatura Colonial dos Séculos XVI e XVI*: Navegantes, Cronistas e Religiosos no Novo Mundo. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Dr. Alfredo Cordiviola (UFPE) e apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2006.

MIGNOLO, Walter. Cartas, Cronicas y Relaciones de la Literatura Colonial Hispanoamericana. In: MADRIGAL, Luís Íñigo (org). *Historia de la Literatura Hispanoamericana Colonial*. Tomo 1. Madrid: CATEDRA, 2002. pp. 57-117.

O'GORMAN, Edmundo**.** *Invenção da América*. Tradução: Ana Maria Martinez; Manoel Lelo Bellotto. São Paulo: UNESP, 1992.

SEARLE, John. *A Intencionalidade.* Tradução: Julio Fisher; Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587.* Leonardo Dantas Silva (org). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2000.

TEODORO, Janice. *América Barroca.* São Paulo: Nova Fronteira/EdUSP, 1992.

VESPÚCIO, Américo. Eduardo Bueno (org). *Novo Mundo. As Cartas que Batizaram a América***.** São Paulo: Planeta, 2003.

ARTIGO RECEBIDO EM 30/08/2012 E APROVADO EM 10/10/2012.